

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020

TEMPO RADA



MÚSICA
EM
**SÃO
ROQUE**

AVRES SERVA

Música Sacra portuguesa
dos séculos XVIII e XIX

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa

Apoio:

 RTP PALCO

 ANTENA 2

23 out_sex / 21h00
_Igreja de São Roque

PROGRAMA

Ana Paula Russo_Soprano

Mariana Castello-Branco_Soprano

António Lourenço Menezes_Contratenor

Frederico Projecto_Tenor

Ulrike Slowik_Violino

André David Castro_Violino

Pedro Massarrão_Violoncelo

Duncan Fox_Violone

Nuno Oliveira_Órgão e Direção

Organo ad ala 'il Lusitano', instrumento construído por Nicola Ferroni em 2017, com base em modelos históricos italianos

António Freitas da Silva (fl. 1756-1782)

*Versos para órgão**

*'Pinguis est', a due sopranni**

José Monteiro Pereira (fl. 1805-1825)

*Recitativo e Ária 'Non est cor'**

Frei Jerónimo da Madre de Deus (1714/15-1768)

In Sabatho Sancto, Lectio 8^a

'Et ideo novi testamenti'

Davide Perez (1711-1778)

*'Solfèges d'Italie' [parte 4] – Duetto IX**

*Responsório dos Reis 'Reges Tharsis'**

Policarpo José António da Silva (1745-1803)

*Lisam Primeyra da 5^a Feira,
a solo di soprano**

António da Silva Leite (1759-1833)

*Salmo 'Vota mea Domino reddam'**

*Duo de Nossa Sr.^a da Assumpção 'Hodie Maria Virgo'**

Ária sacra 'Quis nobis'

José António Carlos de Seixas (1704-1742)

*Responsório dos Reis 'Illuminare'**

* Primeira audição moderna

DESCRIÇÃO BREVE DO PROGRAMA

Do presente programa constam obras de compositores de nacionalidade portuguesa, ou que terão passado parte da sua vida em Portugal. Quase todo o repertório será ouvido em primeira audição moderna, numa interpretação historicamente informada. Trata-se de um programa de contrastes, por um lado com árias de bravura compostas nos finais do século XVIII ou já no século XIX, e por outro com momentos de contemplação proporcionados pelas lamentações ou responsórios ainda compostos durante a primeira metade do século XVIII.

Os manuscritos de todas estas obras encontram-se depositados em Lisboa, na Biblioteca Nacional de Portugal, e em Évora, repartidos entre a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital. Serão ouvidas obras de António Freitas da Silva, violetista e violoncelista da Real Câmara; José Monteiro Pereira, mestre de capela na cidade do Porto; Frei Jerónimo da Madre de Deus, do qual muito pouco se conhece para além de uma colecção de vinte versos, de longe, a maior obra para órgão da primeira metade do século XVIII até hoje conhecida; Davide Perez, compositor de origem napolitana e que veio para Lisboa contratado pelo rei D. José I para ser mestre dos seus filhos e compositor da corte; Policarpo José António da Silva, importante compositor, tenor e instrumentista de tecla; António da Silva Leite, mestre de capela na Sé Catedral do Porto que dedicou grande atenção à guitarra, tendo escrito o primeiro compêndio do género publicado em Portugal; e por fim José António Carlos de Seixas, compositor e organista conimbricense, autor de inúmeras sonatas para tecla, cuja influência italiana tem por base o seu conhecido contacto com Domenico Scarlatti.

Para a realização do baixo contínuo e execução das partes de órgão 'obbligato' será utilizado um instrumento de nove registos especialmente concebido para a prática de música desta época. Por curiosidade, o último verso da peça inicial apresenta apenas uma linha de baixo cifrado. Às duas solistas principais juntar-se-ão duas vezes para os coros 'a quatro' que constam dos dois responsórios a apresentar.

Nuno Oliveira

NOTAS DE PROGRAMA

Dominada pela ópera e pela música sacra, a vida musical portuguesa da segunda metade do século XVIII sofreu fortes influências dos modelos napolitanos. Enquanto no reinado de D. João V a absorção da cultura musical italiana se fez via Roma, no reinado de D. José I centrou-se em Nápoles, traduzindo-se na importação de música e músicos e no envio de jovens portugueses para se aperfeiçoarem nos conservatórios napolitanos. No campo da criação musical, as principais referências foram Davide Perez, ao serviço de D. José I desde 1752 até à sua morte, e Niccolò Jommelli. Com uma acção crucial na reforma da ópera e detentor de uma carreira brilhante e cosmopolita, Jommelli assinou um contrato com a corte portuguesa em 1769, no qual estava previsto o envio anual de uma ópera séria e de uma ópera cómica, assim como algumas peças religiosas. As suas relações com Portugal duraram apenas cinco anos, mas a interpretação das suas obras manteve-se ao longo do século. Num período de 13 anos cantaram-se nos teatros reais 20 óperas suas (três escritas expressamente para Lisboa) e quatro obras dramáticas de menores dimensões.

A música sacra desenvolveu-se em Portugal ao longo de todo o século XIX, mas particularmente, nas primeiras décadas do século, dada a preferência que D. João VI teve por este género musical. E nesse âmbito, o órgão ocupou um lugar de destaque. Entre os principais cultores do género sacro estão os compositores António Leal Moreira e Jerónimo Francisco de Lima (1743-1822), que no final de suas vidas se dedicaram preferencialmente à música sacra, e muito particularmente, Marcos Portugal. Dele merecem algum destaque as peças que compusera para os órgãos de Mafra (postos efectivamente a funcionar por D. João VI), e respectivas orquestrações, assim como o Ofício de Mortos (1812) para as exéquias do Infante D. Pedro Carlos, genro de D. João VI. No Brasil, onde compôs quase exclusivamente música sacra, é de referir a sua Missa de Requiem (1816), composta no falecimento de D. Maria I, e considerada uma das suas melhores obras no género.

Apesar do crescente anticlericalismo que pautou o movimento liberal, a produção de música religiosa é ainda muito significativa no segundo quartel do século XIX, e por vezes associada a acontecimentos políticos. É o caso de Bomtempo que, na sequência do movimento liberal, compõe diversas obras religiosas evocativas desses novos momentos da nação portuguesa: Missa "composta em obséquo da Regeneração Portuguesa", executada, juntamente com o Te Deum em Fá Maior na festa do juramento das Bases da Constituição, na Igreja de S. Domingos (1821). No mesmo ano dirige o Requiem, em primeira audição, na mesma igreja, em memória dos supliciados de 1817 e do General Gomes Freire de Andrade. A música religiosa dessa época aproximava-se demasiado do estilo operático italiano, o que lhe conferia um certo grau de superficialidade. Todavia, vários compositores se destacaram dessa tendência, reflectindo moderadamente o estilo italiano e procurando a sobriedade. Entre eles devem referir-se, Frei José de Santa Rita Marques e Silva (1789-1837), Mestre da Real Capela no Palácio da Bemposta e António José Soares (1783-1865), organista da Sé Patriarcal, ambos alunos de Leal Moreira e autores de abundante música para órgão, e ainda, Francisco Xavier Migone (1811-1861), aluno de Frei José Marques, pianista, professor de piano no Conservatório e sucessor de Bomtempo na direcção da Escola de Música (...). Também o compositor de origem espanhola António Luís Miró (1814-1853) foi autor de música religiosa muito apreciada no seu tempo.

No âmbito da música de influência italiana são de referir os compositores Ângelo Carrero (1826-1867), de quem se conhecem, inclusive, matinas sobre temas das óperas Roberto, o Diabo (Aubert), Dominó Negro, etc., e finalmente, Joaquim Casimiro Júnior (1802-1862) de abundante produção religiosa tão italianizante que foi muitas vezes chamado o Donizetti português. Todavia, Lambertini, elogia a sua grande «espontaneidade melódica e de colorido expressivo», considerando autênticas obras-primas, algumas das suas obras sacras, como é o caso do Stabat Mater, Terço de Benditos (1851), Litanias, Credo a 4 vozes, e Responsórios para Quarta-feira Santa (1857), que segundo ele são num «estilo polifónico severo e puro».

Texto de Maria José Borges, extraído do capítulo «A Música» in Nova História de Portugal, Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (ed. Lit.), vol. IX., 2002

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

AVRES SERVA

Música Sacra portuguesa
dos séculos XVIII e XIX



Dados Biográficos

AVRES SERVA

Criado em 2015 por Nuno Oliveira, que tem a seu cargo a direcção musical, bem como a elaboração e transcrição para notação moderna do repertório a apresentar, o grupo pretende dar a conhecer repertório dos séculos XVI a XIX, sempre em interpretações historicamente informadas, com destaque para música portuguesa.

Estreou-se nesse ano com Música Italiana para um Ofício de Vésperas no Ciclo de Música do Convento dos Capuchos.

No ano de 2018 salienta-se a participação do grupo nos Dias da Música 2018, tendo sido interpretadas as Cantatas BWV 35 e BWV 169 de Johann Sebastian Bach, numa primeira execução em Portugal com instrumentos, afinação e temperamento históricos.

No ano de 2019, o grupo marcou presença na Temporada de Concertos da Capela do Paço Ducal, em Vila Viçosa, e no Festival das Artes, em Coimbra.

No ano de 2020, voltou a estar presente na Temporada de Concertos da Capela do Paço Ducal e faz a sua estreia na Temporada de Música em São Roque.

Ana Paula Russo

Soprano

Completo o Curso Superior de Canto no Conservatório Nacional, em Lisboa. Estudou em Salzburg e Luzern com Elisabeth Grümmer e H. Diez, e trabalhou com Gino Becchi, C. Thiolass, Regine Resnick e Marimi del Pozo.

É Mestre em Canto e Ensino da Música pela Escola Superior de Música de Lisboa.

Como solista tem actuado em inúmeros concertos de Lied, ópera e oratória, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

Em 1988 obteve o 1º prémio de Canto no concurso da Juventude Musical Portuguesa e no Concurso Olga Violante; no mesmo ano, em Barcelona foi finalista no Concurso F. Viñas.

Em 1990 foi laureada nos Concursos Internacionais de Oviedo e 'Luísa Todí'.

Em 1989 representou Portugal, através da RTP, no concurso 'Cardiff Singer of the World'.

Participou em inúmeras gravações discográficas, de onde se destacam papéis realizados no âmbito da ópera, domínio no qual a sua carreira tem tido especial relevo, bem como a sua dedicação ao património musical português.

É professora de Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional e na Academia de Música de Almada.

Em 2015 foi-lhe atribuído o Prémio de Excelência na Música Erudita pela revista Mais Alentejo.





Mariana Castello-Branco

Soprano

Iniciou os seus estudos musicais aos 6 anos, na Escola de Música de Nossa Senhora do Cabo em Linda-a-Velha.

Em 2004 ingressou na Escola de Música do Conservatório Nacional, na classe de canto da professora Manuela de Sá, onde concluiu o curso complementar de canto com distinção.

Participou em acções de formação com João Paulo Santos, Armando Vidal, Jill Feldman e José Manuel Brandão.

Continuou a sua formação no Flanders Opera Studio em Gent, sob a direcção de Ronny Lauwers. Como membro do estúdio de ópera, trabalhou com os maestros Pietro Rizzo e Yannis Pouspourikas; os cantores Sir Thomas Allen e Susan Waters; o pianista Malcolm Martineau e o seu director Guy Joosten.

Actualmente colabora com o grupo Scherzi Musicali sob a direcção de Nicholas Achten.

Interpreta regularmente os mais diversos papéis de ópera de vários períodos.

Colabora regularmente com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e com o grupo Divino Sospiro.

Destaca-se uma participação no Festival de Música Sacra de Madrid com o ensemble The New Baroque Times.

Nuno Oliveira Órgão e Direção

Concluiu o Curso Superior de Piano na Escola de Música do Conservatório Nacional em Lisboa com a classificação de 19 valores, tendo tido como mestres as professoras Leonor Pulido e Melina Rebelo.

Em 1988, foi solista convidado para representar Portugal num concerto de jovens intérpretes realizado na Finlândia e transmitido pela RTP, tendo sido acompanhado pela Orquestra da Radiotelevisão Finlandesa, dirigida pelo conceituado maestro Jukka-Pekka Saraste.

Colaborou com Orquestra e Coro Gulbenkian, Orquestra e Coro XXI, e Orquestra Metropolitana de Lisboa como cravista e/ou organista, onde actuou sob a direcção dos maestros Leonardo García Alarcón, Hans-Christoph Rademann, Nicholas Kraemer, Dinis Sousa, Nuno Coelho e Cesário Costa.

Colaborou como cravista com a Orquestra Utópica nas récitas e gravação ao vivo da Ópera 'A Rainha Louca' do compositor Alexandre Delgado.

Em 1988 obteve o 2º prémio no Concurso Nacional Maria Campina para piano, realizado no Algarve.

De 1999 a 2001 estudou cravo com Jacques Ogg e baixo contínuo com Jan Kleinbussink no Conservatório Real em Haia, a convite do primeiro.

De 2001 a 2003 estudou no Sweelinck Conservatorium em Amsterdam, tendo frequentado as classes de cravo de Bob van Asperen e de baixo contínuo de Menno van Delft.

Em 2015 fundou o AVRES SERVA, agrupamento que tem por objectivo a execução de música dos séculos XVI a XIX em interpretações historicamente informadas.



32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE



Igreja de São Roque

Edificada pela Companhia de Jesus, num local que anteriormente era dedicado ao culto a São Roque, a igreja representa um dos mais belos exemplares da arquitetura maneirista nacional. Resistiu praticamente intacta ao terramoto de 1755, tendo sido incorporada na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1768, por doação régia de D. José I. É um dos edifícios mais emblemáticos do século XVI que remanescem na capital.

Evidencia-se, neste edifício, a qualidade do seu património artístico, constituído por azulejaria, mármore policromos, ourivesaria, talha dourada, pintura, escultura e relicários, património este que tem sido valorizado por sucessivas campanhas de conservação e restauro. Destaque ainda para o teto, o único exemplar lisboeta que resta dos grandes tetos pintados no período maneirista, da autoria do pintor régio Francisco Venegas, mestre de origem espanhola.



Filipe Carneiro

Diretor artístico
Temporada Música em São Roque

Filipe Carneiro é formado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em Direção pela Universidade de Cincinnati (Estados Unidos). Desenvolveu ainda estudos de aperfeiçoamento em Composição com Emmanuel Nunes (França) e Karlheinz Stockhausen (Alemanha) e de Direção de Orquestra com Donato Renzetti (Itália) e Jorma Panula (Finlândia). Como maestro tem-se apresentado sobretudo na Dinamarca, Suécia, Áustria, Inglaterra, Polónia e Alemanha.

É atualmente maestro titular da Kammerorkestret Musica e do Kammerkoret Musica (Copenhaga).

Como maestro convidado ou assistente tem ainda colaborado com diversas orquestras e coros no norte da Europa, destacando-se a sua colaboração com o Teatro Real (Ópera de Copenhaga) e a Opera Hedeland (Hillerød).

Em concursos internacionais conquistou por duas vezes o Conductors Prize, na Polónia em 2013 e em Espanha em 2015.

Em 2015 gravou o CD "Kvindestemmer" e dirigiu no Castelo de Kronborg, Helsingør, o concerto de gala para o lançamento da organização de cooperação internacional "Transition", transmitido em direto para a Dinamarca, Suécia, Hungria, Japão e Índia.

A convite da Rainha Margrethe II da Dinamarca dirigiu o concerto comemorativo dos 100 anos de direito de voto feminino naquele país. Desde 1989, o Maestro e compositor Filipe Carneiro é o diretor artístico da Temporada Música em São Roque, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE



PRÓXIMO CONCERTO

Ludovice Ensemble

Na senda dos Jesuitas:
Paris - Lisboa - Goa - Nagasáqui

Diálogos entre música barroca, música contemporânea e música asiática.

25 out dom / 16h30
_Museu de São Roque

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa